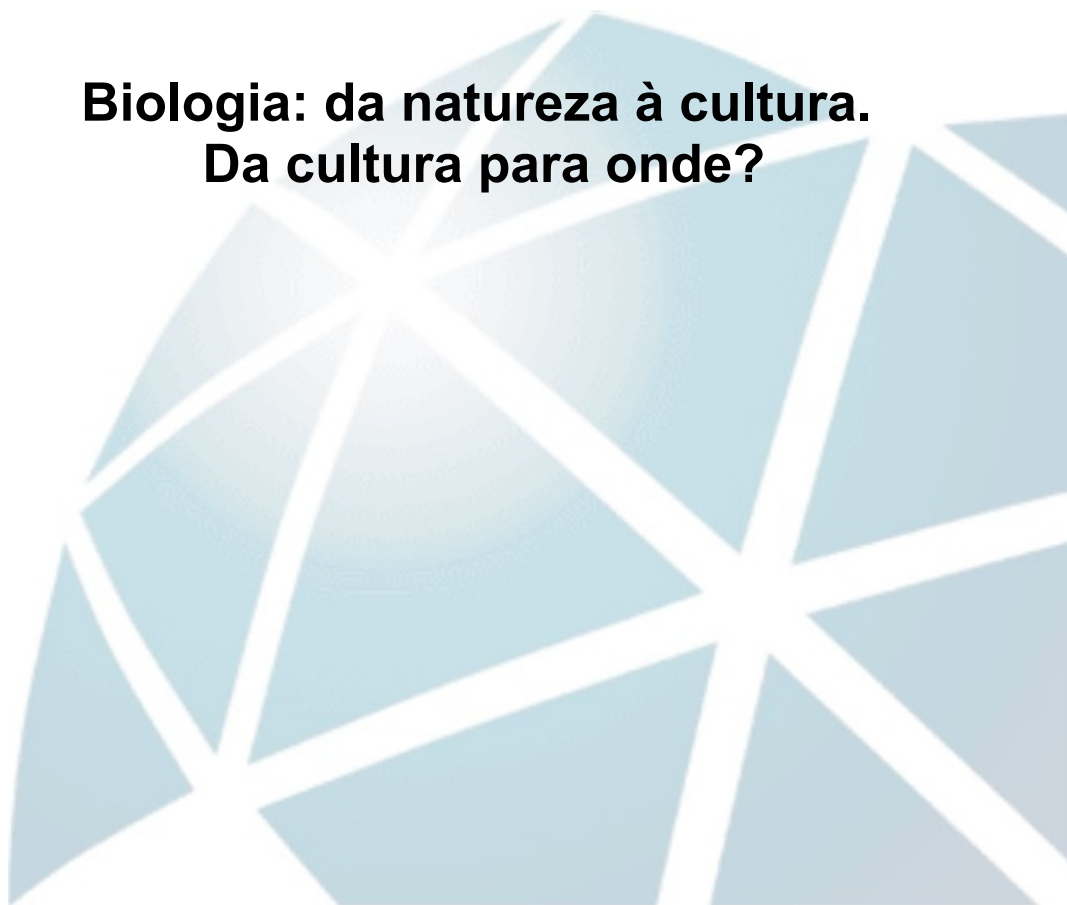

Ciências Biológicas

Daniel Dlugosz Angi

**Biologia: da natureza à cultura.
Da cultura para onde?**



Daniel Dlugosz Angi

BIOLOGIA: DA NATUREZA À CULTURA.
DA CULTURA PARA ONDE?

Orientador: Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas.

Rio Claro
2010

301.2 Angi, Daniel Dlugosz
A588b Biologia: da natureza à cultura. Da cultura para onde? /
Daniel Dlugosz Angi. - Rio Claro : [s.n.], 2010
60 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura e
bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias

1. Cultura. 2. Consciência. 3. Epistemologia. 4.
Paradigma. 5. Arte. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

SUMÁRIO

1.RESUMO.....	5
2.INTRODUÇÃO.....	7
3.SOCIEDADE DE HIPERCONSUMO: A CULTURA ATUAL.....	9
3.1.FASE I.....	10
3.2.FASE II.....	11
3.3.FASE III.....	13
4.REFLEXÕES SOBRE A CULTURA OCIDENTAL.....	14
5.PARADIGMAS E COSMOLOGIAS.....	20
6.CONSIDERAÇÕES A RESPEITO.....	24
7.CONSIDERAÇÕES SOBRE REALIDADE.....	27
8.DA NATUREZA À CULTURA: A COSMOLOGIA CONTEMPORÂNEA COMO ESPERANÇA DE RE-LIGAÇÃO COM A NATUREZA.....	38
9.A ARTE COMO DIFUSORA DO NOVO PARADIGMA.....	41
10.ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCLUSÃO DO TRABALHO.....	55
11.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

NOTA DO AUTOR: Esse trabalho foi escrito com a linguagem mais simples possível.

Minha pretensão não é a de me tornar um autor reconhecido no meio científico, mas que o conteúdo aqui elaborado possa ser compreendido por um grande número de pessoas, além dos muros da universidade.

Buscando ser coerente com a noção de um pensamento mais holístico e, uma vez que os temas aqui tratados são complexamente interligados e representam sugestões de mudanças de perspectivas em relação à vida, procurei separá-los o mínimo possível. Assim, essa obra não está estruturada de maneira convencional, não possui uma metodologia específica, nem um caráter conclusivo. Afinal, tudo está em constante transformação. Também a ciência moderna está sujeita a transformações e deve ser sensata em repensar seus moldes, oferecendo espaço para diferentes tipos de trabalhos e pesquisas, em variadas formas de apresentação.

Pelo menos nessa versão, arrisquei uma maneira alternativa de citações, para deixar a leitura mais fluente e prazerosa. Caso não seja possível mantê-la na versão final, será alterada.

Não é por não esse trabalho não ter uma metodologia específica que não se trata de uma pesquisa. Esse trabalho apresenta embasamento em literatura pertinente ao tema, porém, antes de tudo, é uma pesquisa no âmbito da sensibilidade e das intuições pessoais, no âmbito das emoções e inquietações, representando um parto de tudo o que este jovem autor que vos fala carrega nas entranhas desde a infância.

Espero que esse trabalho traga alguma contribuição positiva no sentido de orientar *na* realidade e re-orientar *a* realidade.

Boa leitura.

“Todas as opiniões que há sobre a Natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor.
Toda a sabedoria a respeito das coisas
Nunca foi coisa em que pudesse pegar, como nas coisas.
Se a ciência quer ser verdadeira, Que ciência mais verdadeira que a das coisas sem
ciência?
Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito
Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem.
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas.”

Alberto Caeiro

RESUMO

Vivemos um momento do mundo no qual o meio foi denominado pelo geógrafo Milton Santos, como Técnico-científico-informacional. Nesse meio, a produção científica está dominada por estruturas político-mercadológicas, que para sua manutenção e existência, enxergam e tratam os elementos naturais do planeta, como recursos ou instrumentos de uso e, as pessoas, como mão-de-obra e consumidores.

O abismo que separa a humanidade da natureza, é um equívoco de percepção e tem criado consequências sócio-ambientais que passam a ameaçar as perspectivas de futuro, não só das gerações futuras, mas das gerações atuais. A ciência moderna, ainda orientada pelo pensamento cartesiano do século XVII, a ciência que tem como marca mais forte o “só acredito, vendo”, não vê que perdeu a objetividade e não está apta a responder aos problemas do mundo contemporâneo. Até mesmo porque, muitos deles são criados e perpetuados por esse instrumento de poder manipulado pela lógica capitalista.

O título desse trabalho tem como intuito incitar uma reflexão séria a respeito do rumo que estamos dando à nossa existência no Planeta Terra enquanto seres biológico-culturais, com o objetivo de inspirar mudanças interiores capazes de gerar mudanças significativas em nossa cultura. Mudanças que ao menos cheirem a esperança no que se refere às possibilidades de melhorias em nosso quadro socioambiental.

Vale salientar que “O Governo”, “A Ciência” e “O Mercado”, não são entidades obscuras que assombram nossas vidas, são pessoas como nós, para não dizer “nós mesmos”.

Como integrantes da populosa comunidade humana, estamos carregados de valores, crenças e condutas que influenciam direta e indiretamente a nossa vida cotidiana, em termos de hábitos comportamentais, alimentares, de relacionamento interpessoal e com toda a comunidade de vida.

Tais hábitos em interação têm criado ao longo da história e no dia-a-dia, a realidade socioeconômica e ambiental que estamos experimentando. Realidade

essa que, se não tiver seu curso reorientado, caminhará para aumentos exponenciais na dispersão de desgraças como secas e desertificações, fome e devastações generalizadas.

Nossa espécie é atualmente considerada um ápice de complexidade evolutiva. Podemos considerar a consciência como um fenômeno que surge de “dentro” da natureza ou, mais além, surge no universo e olha para o universo. É como se nós fossemos o universo olhando para si próprio.

Para criar uma realidade em equilíbrio sócio-ambiental, precisamos mudar nossos hábitos de vida. Para mudar nossos hábitos, precisamos mudar nossos valores e crenças. Tais mudanças não se tratam de imposições morais que tentam homogeneizar o comportamento humano, mas de uma reflexão a ser feita por todos, a fim de encontrarmos um meio de sobreviver de um modo mais harmônico e saudável e colocá-lo em prática “a partir de ontem!”.

INTRODUÇÃO

Um paradigma científico, segundo Thomas Kuhn, é definido como uma constelação de realizações, concepções, valores, técnicas, etc. compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos.

Talvez, um bom exemplo para ilustrar o quanto o curso de biologia está despreparado para lidar responsavelmente com os atuais problemas do mundo referentes à vida, seja uma discussão desenvolvida em uma sala de aula do quinto e último ano do curso de ciências biológicas noturno, dentro de uma disciplina de licenciatura, em 2009.

Debatíamos a respeito do papel do biólogo na sociedade e em um dado momento pedi a palavra. Comecei a discorrer sobre a importância de sermos, como biólogos, conscientes do “paradigma” vigente, caso queiramos deixar de sermos marionetes do mesmo, reproduzindo-o e perpetuando-o inconscientemente.

Observando que todos estavam com “cara de interrogação”, indaguei se alguém não sabia o que era um paradigma. Para minha surpresa, o significado daquela palavra era ignorado por todos os “quase biólogos” presentes na sala de aula.

Relembrando, um paradigma é definido como uma constelação de crenças, valores e condutas que orientam uma comunidade, existindo paradigmas em muitos âmbitos: pessoais, sociais, profissionais, existenciais, etc. Assim, um paradigma científico, orienta uma comunidade científica.

Depois de explicar o conceito, perguntei se todos conheciam o grupo de valores, crenças e condutas que orientam a nossa sociedade e nossa comunidade científica e, mais uma vez, ninguém sabia dizer. Nem mesmo arriscaram.

Triste era o quadro que se formava em minha frente: 25 estudantes de biologia, a um passo de obterem o diploma de biólogos formados em um dos cursos mais bem conceituados do país; nossos futuros professores, pesquisadores, prestadores de serviços como consultoria, etc; não queriam

manifestar ou não possuíam nenhuma noção consciente verbalizável do conjunto de forças que influenciam suas vidas – não só profissionais – mas, como foi dito acima, pessoais, sociais e existenciais.

Inconscientemente, aqueles biólogos já estavam sendo formados prontos para reproduzir em maior ou menor escala, uma visão de mundo que não acolhe os problemas da atual crise sócio-ecológica, mas, ao contrário, é fator de criação de uma crise visível, gerada pelo mau uso, inconsciente ou consciente, das potencialidades e capacidades humanas. São problemas visíveis, que gritam pela nossa atenção. No entanto, temos dificuldades em enxergar as soluções, uma vez que elas moram no campo do invisível, no campo da subjetividade. É o mesmo campo da onde nascem os problemas.

A crise com a qual nos deparamos e somos capazes de ver e ouvir nos noticiários ou num passeio pela rua é apenas a consequência ou a manifestação de uma crise coletiva interna. Uma crise coletiva de percepção da vida, do eu, do outro e do mundo. Pensamentos geram crenças, crenças geram condutas, condutas influenciam o meio. O que chamamos de realidade é um fenômeno complexo co-criado por todos em sistema de pergunta e resposta, ações e reações permanentes...

Gosto de chamar o paradigma vigente, denominado de paradigma moderno, de “A velha visão de mundo”. Velha, porque ainda não morreu, mas não durará por muito tempo. Acredito que manter os futuros profissionais sob sua ótica, é uma maneira de postergar sua morte iminente.

Saliento que a Ciência, o Governo e o Mercado não são entidades invisíveis. Somos nós, pessoas, manifestando no mundo externo nossos valores e crenças internas.

Para que possamos transformar o mundo externo, precisamos transformar nossos universos internos. Para isso é preciso que conheçamos a nós mesmos e as influências que recebemos dos meios familiar, social, midiático e natural.

Quais são essas coisas invisíveis que geram transformações visíveis no meio? Que coisas invisíveis são essas que geram a harmonia ou o caos?

Nisso consiste esse trabalho. Pretendo mostrar o quanto é importante trabalharmos no campo do invisível, na construção de nossos edifícios éticos e morais, caso seja um consenso humano re-criar a realidade de maneira mais harmônica. Caso seja um consenso entre os humanos co-criar a realidade de maneira a garantir um presente saudável. Em outras palavras, explorar o campo da subjetividade é, atualmente, na minha opinião, a coisa mais objetiva que podemos fazer.

A parte que segue, procura destacar a potência do consumismo em nossas vidas e as forças subjetivas que impulsionam esse modo de vida, esboçando um pequeno diagnóstico do momento histórico que estamos vivendo e co-criando.

Sociedade de hiperconsumo: a Cultura atual

“A nossa enorme economia produtiva exige que façamos do consumo a nossa forma de vida, que tornemos a compra e o uso de bens em rituais, que procuremos nossa satisfação espiritual, a satisfação do nosso ego no consumo... precisamos que as coisas sejam consumidas, destruídas, substituídas e descartadas a um ritmo cada vez maior”. (Victor Lebow – economista americano-1995).

“- Eu quero isso, eu quero aquilo!

- Trabalha e compra!

- Eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo!

- Trabalha e compra, trabalha e compra!

- Eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo!

- Trabalha e compra, trabalha e compra, trabalha e compra!

- Eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo!

- Trabalha e compra, trabalha e compra, trabalha e compra, trabalha e compra!

- Eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo; eu quero isso, eu quero aquilo!

- Trabalha e compra, trabalha e compra, trabalha e compra, trabalha e compra, trabalha e compra!”

(Daniel Angi – poesia / letra de música)

O modo de vida compartilhado pela nossa sociedade levou Gilles Lipovetsky a chamá-la de “sociedade de hiperconsumo” em seu livro “A felicidade paradoxal”. Segundo o autor, o hiperconsumo caracteriza a fase mais avançada e atual do capitalismo de consumo, o qual pode ser representado de maneira resumida em três fases.

Um breve histórico:

Fase I

A fase I começa por volta de 1880 e termina com o fim da Segunda Guerra Mundial. Representa o nascimento dos mercados de massa e do marketing de massa.

Os avanços que esse período proporcionaram ao transporte e a comunicação (estradas de ferro, telégrafo, telefone) permitiram o escoamento rápido e em peso de matérias primas, mercadorias e produtos de um estágio de produção a outro.

Essa fase é também marcada pelo surgimento de maquinário de produção contínua, que permite aumento na velocidade e, logo, na quantidade da produção, elevando a produtividade com custos cada vez mais baixos. Isso abria o caminho para a produção em massa, gerando a substituição dos pequenos mercados locais pelos grandes mercados nacionais, que passaram a ofertar cigarros, fósforos, sabonetes, produtos de limpeza e outras mercadorias a preço unitário muito baixo, ainda no final dos anos 1880.

Em 1910, um determinado modelo de chassi da Ford ficava pronto em 12 horas e 28 minutos. Com a evolução nas linhas de produção no setor automobilístico, o tempo de fabricação do mesmo modelo de chassi passava para 33 minutos em 1914 e uma fábrica de automóveis já conseguia colocar à venda 1000 carros por dia.

Esse sistema de produção representava uma nova estratégia de mercado: em vez de uma margem de ganho representativa em uma quantidade pequena de produtos, firmava-se a lógica de vender a maior quantidade de produtos com uma margem de ganho pequena.

Para assegurar o mercado de massa, surgia o marketing de massa, com o papel de re-educar o consumidor. Estava em prática o primeiro projeto de democratização dos bens de consumo na lógica do lucro pelo volume com base nos preços baixos.

Essa fase inicial se consagra na criação dos grandes e luxuosos magazines. Esses espaços muito bem decorados já preconizavam a criação de um clima festivo e sedutor, estimulando a compulsividade dos consumidores.

Fase II

A fase II é marcada pela economia fordista, pela busca da felicidade pelo consumo e pela potencialização do marketing. O novo ciclo histórico do consumo estabelece-se por volta de 1950 e se dá ao longo das três décadas do pós-guerra, prolongando o primeiro ciclo e culminando em uma forte mutação cultural.

Intitulada de “sociedade da abundância”, “sociedade de consumo de massa” e mais adiante de “sociedade do desejo”, a nova fase vive um excepcional crescimento econômico, o aumento no nível de produtividade do trabalho e a extensão da regulação fordista da economia.

Aperfeiçoando o processo de democratização da compra de bens duráveis iniciado na fase I, a fase II coloca à disposição de quase todos produtos como automóveis, televisores, eletrodomésticos, etc. Devido ao aumento no poder de compra dos salários em torno de três ou quatro vezes, ampliavam-se as camadas

sociais que podiam ir além da mera sobrevivência para investir na permanente melhoria das condições de existência, possibilidade antes restrita às elites sociais. A lógica da quantidade domina a fase que se segue nas três décadas do pós-guerra: automatização das linhas de montagem para a fabricação de produtos padronizados em grande quantidade; reforçam-se palavras e expressões chave como especialização, repetitividade e padronização; exploração das economias de escala, métodos científicos de gestão e organização do trabalho, divisão intensiva de tarefas, volume de vendas elevado, preços mais baixos possíveis, margem de ganho fraca, rotação rápida de mercadorias.

Uma verdadeira “fábrica de vendas” fazia despencar os preços das mercadorias gerando uma revolução comercial notável e a necessidade de distribuição dos bens de consumo fez nascer os supermercados e hipermercados. Em 1957 é aberto na França o primeiro supermercado. Nesse ano os Estados Unidos já contavam com 20.000 deles. Em 1963, sob a bandeira Carrefour, surge o primeiro hipermercado, sendo que em 1980 já existiam 426 deles.

Com os hipermercados evoluem as políticas de diversificação dos produtos e da redução do tempo de vida das mercadorias: a renovação rápida dos modelos e dos estilos. É o “complô da moda” com o marketing de massa dirigido para estratégias de segmentação centradas na idade e nos fatores socioculturais.

O consumo de massa se torna o objetivo supremo das sociedades ocidentais. A noção de progresso passa a estar atrelada ao crescimento econômico indefinido e à permanente melhoria das condições de vida sem qualquer preocupação referente à garantia de condições de existência do ambiente natural.

Na fase II, se deixam cair as antigas resistências culturais às frivolidades da vida material e mercantil. Arranjar um cotidiano confortável e fácil torna-se sinônimo de caminho para a felicidade. Consolida-se a “sociedade do desejo”, com o imaginário impregnado de felicidade consumidora em um intenso processo de transformação cultural.

Já em 1960 a euforia publicitária dispara cerca de 1500 mensagens diárias em uma família americana. Dos anos 60s aos 70s, as despesas americanas com publicidade se multiplicam por três. A febre do consumo contamina a noção

existencial dos indivíduos que passam a buscar conforto e segurança na privatização da vida, na autonomia do sujeito em relação às instituições coletivas e na satisfação imediata dos gozos individuais.

Fase III

Nas palavras do autor: “(...) é o terceiro ato das economias de consumo que se representa no palco das sociedades desenvolvidas. Escreve-se uma página que inventa um novo futuro para a aventura individualista e consumista das sociedades liberais. (...)”.

A terceira fase representa, em grande escala, a existência ou o cultivo do consumo além das posições sociais, chegando ao que o autor denomina de consumo emocional ou consumo experiencial.

Talvez seja difícil o consumo perder o papel de promotor ora de destaque, ora de integração social, constituindo um meio de atingir prestígio e reconhecimento diante do outro. Porém, ao exaltar os ideais da felicidade privada, as mídias vêm cada vez mais induzindo condutas de consumo menos sujeitas aos julgamentos ou interferências de opinião dos outros. “Viver melhor, gozar os prazeres da vida, não se privar, dispor do ‘supérfluo’ aparecem cada vez mais como comportamentos legítimos, finalidades em si (...) Das coisas, esperamos menos que nos classifiquem em relação aos outros e mais que nos permitam ser mais independentes e mais móveis, sentir sensações, viver experiências, melhorar nossa qualidade de vida, conservar juventude e saúde”. Na fase contemporânea da mercantilização das necessidades o consumo se ordena cada vez mais em função de critérios individuais, gostos e fins; orientado por forças emocionais, subjetivas, desinstitucionalizadas.

A estimulação do eu ganha cada vez mais respaldo na mercadoria e nos serviços. O consumo “para si” substitui o consumo “para o outro” e conquista o valor experiencial do consumo, adquirindo também a indiscutível função distrativa

do escapismo, da abstração ou fuga do real como uma tentativa ingênua de encontro consigo mesmo.

Dentro das novas e subjetivas funções do consumo, a criação de um espaço-tempo personalizado substitui a necessidade de ostentar um exterior de riqueza a fim de garantir identidade social ligada a status. Abre-se a possibilidade de um “consumo criativo” e personalizado no qual podemos, ao menos parcialmente revelar quem somos, não tanto pelas mercadorias que compramos, mas em parte pela marca e em parte pela maneira como organizamos e dispomos os objetos em nossos ambientes pessoais. É como se buscássemos no consumo uma resposta para quem somos nós.

Reflexões sobre a cultura ocidental

Olhemos o histórico descrito acima com um pouco de senso crítico: constituímos uma sociedade separada ideológica e espiritualmente da natureza, carregamos uma noção de felicidade atrelada ao sucesso financeiro na qual o EGO está na linha de frente da batalha.

Esse histórico nos mostra o quanto temos investido nosso potencial, ao longo de muitas gerações, no culto à insatisfação e à infelicidade disfarçados sob a bandeira da felicidade pelo consumo; sob a promessa de que seremos felizes satisfazendo imediatamente nossos caprichos materialistas e nossas necessidades de auto-afirmação perante o outro.

Já está claro que tais promessas são falsas. Temos, sim, nos tornado cada vez mais sozinhos e frustrados, desenvolvendo novas doenças e psicoses conforme nos submetemos ao estresse cotidiano da vida nas cidades ao nos prostituirmos moralmente em busca de dinheiro, na esperança de melhorar as condições individuais de vida em detrimento das condições de vida coletiva. Na maioria das vezes conseguimos apenas manter as condições de vida atuais vivendo para pagar contas, incluindo as do consumo das distrações ou divertimentos que sejam capazes de proporcionar escape momentâneo.

Somos todos atores da fase contemporânea da sociedade de hiperconsumo.

Quem cresce e se desenvolve atento à cultura globalizada de hoje, como um integrante mais ou menos consciente da sociedade de hiperconsumo, desde cedo percebe estar em um mundo altamente competitivo, onde a noção de sucesso pessoal está atrelada ao sucesso financeiro.

Mesmo que o consumo já tenha adquirido a dimensão do consumo pelo consumo, ou seja, o consumo como uma experiência por si só, cada vez mais voltado pro indivíduo na construção de seu espaço-tempo personalizado, ainda sim, o sucesso desse tipo de experiência individual continua atrelado ao sucesso financeiro.

Desde pequenos, com melhores ou piores condições, somos todos preparados para o mercado de trabalho a fim de movimentar a máquina financeira e estimular o crescimento e o “progresso” econômico e tecnológico de nosso país, seja ele qual for.

Nossa grande missão cultural é trabalhar e movimentar um progresso material indefinido. Eu me pergunto: A troco de quê? Para que façamos isso “sem reclamação”, para que dediquemos nosso tempo e nosso suor a isso, é preciso que estejamos convencidos a fazê-lo; e o que nos convence a fazer isso?

Como biólogo, a primeira coisa que me vem à mente é que, como espécie biológica, temos como meta natural a reprodução da espécie. Para que haja garantia de sucesso reprodutivo é preciso que tenhamos as condições necessárias à reprodução. Nossa espécie não escapa dessa força que mantém a natureza em constante processo de aperfeiçoamento e invariavelmente o sucesso reprodutivo é um fator de influência fortíssimo em nossas vidas.

Dentro da biologia, muitos estudos apontam que o comportamento de qualquer ser vivo em ambiente natural objetiva a aquisição de maior energia possível (alimento) com o menor custo energético possível (esforço). De maneira geral, podemos inferir que os seres ditos “melhores adaptados” são aqueles que conseguem maior energia com menos custo. Esses têm maiores chances de se reproduzirem e passarem suas características genéticas adiante.

Na espécie humana, o processo de aquisição de alimento (energia) está intermediado pelo processo de aquisição de dinheiro. O dinheiro é a energia capaz de materializar alimento, abrigo, transporte, condições propícias à reprodução, enfim, à sobrevivência e perpetuação da espécie. Logo, na espécie humana, estão mais “bem adaptados” aqueles que conseguem mais dinheiro com menores gastos de tempo e esforço físico.

Se me permitem divagar um pouco, gostaria de trazer uma breve reflexão incitada em aula pelo Prof, Nivar Gobi:

Para falar sobre essa “lógica natural” de custo-benefício, o professor Nivar usava o exemplo do chupim (*Molothrus bonariensis*) uma ave da família dos cucos, que põe seus ovos nos ninhos dos tico-tico (*Zonothrichia capensis*). Os tico-tico chocam os ovos e alimentam os cucos até que esses estejam aptos a voar e conquistar o próprio alimento. Assim os chupins conseguem reproduzir sua espécie sem nenhum gasto energético com o cuidado parental.

Dando seqüência, Gobi afirmava que, sob essa ótica, políticos corruptos que desviam grandes quantidades de dinheiro (energia), com pouco esforço, são simplesmente seres biológicos “bem adaptados”, ocupando um status de parasitas sociais capazes de se reproduzirem e garantirem o sucesso de seus sucessores predestinados a continuar sugando a energia da população “mal adaptada”. Quando o professor entrava nesse assunto eu me perguntava: Será possível então, que a própria lógica natural da competição por energia, visando o sucesso das espécies, está levando nossa espécie ao fracasso? Será a espécie *Homo sapiens* é uma “tentativa” frustrada da evolução biológica?

Infelizmente, a lógica da sobrevivência tem sido usada pelos “bem adaptados” para justificar a desigualdade social e perpetuar a competitividade, usando como respaldo o fundamento científico da seleção natural onde “os mais fortes” sobrevivem.

Para finalizar seu raciocínio, Nivar perguntava: “Por que não fazemos nenhum julgamento moral sobre o comportamento do chupim, mas carregamos os políticos com os mais pesados julgamentos?”.

A maioria das respostas vinha no sentido de que somos uma espécie racional, com sentidos ético e moral mais ou menos desenvolvidos, sendo, portanto, capazes de transcender o “lado animal” em prol do bem de toda a espécie.

Para provocar mais ainda os alunos, o professor nos lembrava (através de questionamentos) que, como seres biológicos estamos aqui para comer, defecar, reproduzir e morrer.

Retomando as idéias sobre o que nos convence a exercer nossa missão cultural de promover o “progresso”, coloquei a reprodução da espécie como um ponto chave porque, para ter sucesso reprodutivo, precisamos ter sucesso energético e, para ter sucesso energético, precisamos ganhar o dinheiro suficiente. Em outras palavras, buscar dinheiro significa, entre muitas outras questões, buscar o sucesso reprodutivo, além, é óbvio, da sobrevivência.

Assim concluímos que sucesso reprodutivo está associado a sucesso financeiro, ou seja, precisamos ter as melhores condições possíveis de criar os nossos filhos. Mas, o que está associado ao sucesso financeiro? Bem, para ganharmos dinheiro (meio de conquistar energia) precisamos trabalhar (gastar energia) e fazemos isso geralmente através de uma profissão. Logo, para atingirmos sucesso financeiro, a não ser que ganhemos na loteria, precisamos de sucesso profissional.

E o que é preciso para se ter sucesso profissional? Geralmente é preciso obter sucesso educacional. A não ser que alguém tenha algum insight, ou uma grande “sacada”, independente de sua escolaridade, que traga um ótimo retorno financeiro, a garantia monetária está ligada a uma boa educação.

E o que garante uma boa educação? Uma vez que a educação pública no Brasil é lastimável, geralmente compra-se a “boa educação”, ou seja, se paga pelo sistema educacional com maior capacidade possível de encaminhar um indivíduo para o sucesso profissional. Assim, na maioria dos casos, o sucesso reprodutivo de uma pessoa é influenciado pelo sucesso financeiro-reprodutivo de seus pais. Essa pessoa na verdade representa o sucesso reprodutivo de seus pais que, ao investirem dinheiro (energia) no cuidado com a cria, investem no sucesso

reprodutivo da próxima geração. Investem na continuidade da espécie, garantindo a continuidade de seu “patrimônio genético”.

Se não temos a “boa educação”, nossas perspectivas de sucesso profissional, financeiro e reprodutivo ficam em grande parte comprometidas.

Quando uma criança entra para uma escola tradicional, deve se submeter a um sistema de avaliação baseado em presença nas aulas e notas nas provas, trabalhos e lições. Assim o sistema educacional garante para a sociedade que tal pessoa possui sucesso ou fracasso educacional e está apta ou não a desenvolver tal e tal funções profissionais. Em outras palavras, a educação tradicional é baseada em um sistema avaliativo-punitivo: Por exemplo, quando uma criança não se adapta aos sistemas tradicionais de educação, passa a ser tratada como “criança-problema”. É aquela que “não se enquadra no esquema”, não se adequa às normas e regras que são impostas nesse meio, portanto deve ser punida. A punição pode vir na forma de diminuição das médias escolares, suspensões, reprovadas e até expulsão da escola. Assim, quando uma criança é punida pela escola, em última instância, do ponto de vista biológico, é o seu sucesso reprodutivo que está sendo ameaçado. A criança é associada ao fracasso, tem dificuldades de se inserir nos grupos e suas chances de sucesso educacional-profissional-financeiro-reprodutivo ficam muito diminuídas. Dessa forma, sofrendo a pressão da ameaça de viver às margens do sistema, sem reconhecimento social e sem perspectivas de sucesso reprodutivo, desde cedo a maioria de nós opta por se adequar ao sistema e, introjeta “espontaneamente” as regras e valores sociais, morais e comportamentais. Passamos assim a nos tornar unidades auto-reguladas do sistema produtivo.

Agindo dessa forma, ao passar adiante nossa carga genética na “missão biológica” de reproduzir e perpetuar a espécie, reproduzimos e perpetuamos também os padrões culturais, dando nossa parcela de contribuição para a natureza e para a cultura.

O que mais nos convence a reproduzir os padrões culturais através da reprodução da espécie? Por mais que o filósofo francês Gilles Lipovetsky afirme que não estamos mais tão preocupados em consumir para criar uma imagem

perante o outro, consumindo mais para si próprio, aposto que ainda mordemos a isca que o mercado nos lança frente às necessidades humanas de reconhecimento, aceitação e auto-afirmação. Ainda buscamos com muita força a inserção em grupos sociais através do consumo.

O documentário “Criança, a alma do negócio” mostra o quanto as crianças brasileiras estão obcecadas pelo universo do consumo e o quanto apostam no consumismo como um caminho para a auto-afirmação, aceitação social e reconhecimento. Isso acontece porque as crianças brasileiras assistem em média 4h de televisão por dia sendo que não há leis em vigor para regulamentar a publicidade voltada para o público infantil! O “marketing infantil” é tão perverso e apelativo que há propagandas que, para promoverem seus produtos como algo diferenciado no universo infantil, censuram explicitamente o ato de brincar!

Na maioria dos países desenvolvidos há serias restrições legislativas para a propaganda voltada ao público infantil.

Somos, portanto, cada vez mais cedo, fígados pela necessidade de auto-afirmação, reconhecimento e aceitação social. Fatores que não estão dissociados da busca pelo sucesso reprodutivo. O ramo marketeiro e publicitário já captou essas necessidades humanas há muito tempo e tem uma ampla percepção do funcionamento da mente humana. Pessoas que trabalham nessa área vêm usando seus talentos para reduzir o homem e a mulher à “função consumo”, através de sucessivas e sofisticadas campanhas publicitárias que seduzem o consumidor, pela oferta de mercadorias e experiências emocionais e sensoriais, com falsas promessas de segurança e felicidade. Parece não haver um único desejo humano que passe despercebido pelo mercado.

As melhorias de vida oferecidas pelo mundo moderno têm a função de nos proporcionar mais tempo livre, reduzindo o tempo gasto com necessidades básicas. Porém, como somos seduzidos pela lógica do “sempre mais” e do “sempre novo”, nosso “aumento de tempo vago” se torna um “aumento no tempo ocupado”, geralmente pela busca de mais dinheiro, ocupando o tempo com mais trabalho; ou ocupamos o tempo com o consumo de novas melhorias de vida, novas experiências sensoriais e distrativas.

Nossa ânsia de ter as coisas, os confortos e facilidades modernas; nossa busca por segurança material, manifestada em nosso esforço por melhorar as condições externas de vida em nosso meio pessoal são o reflexo de um afastamento espiritual e ideológico em relação à natureza e ao simples.

Por trás de toda a lógica mercadológica está presente o paradigma mecanicista estruturado ao longo dos séculos XVI e XVII, principalmente por Descartes, Galileu e Newton. Vamos analisar um pouco mais de perto os mecanismos ideológicos que influenciam a perpetuação do padrão cultural que vivemos.

Paradigmas e cosmologias

Quem somos nós? De onde viemos? Como surgiu o universo? Qual o destino de todas as coisas?

Leonardo Boff, em seu livro “Ecologia: grito da Terra, Grito dos pobres” salienta a importância das cosmologias nas sociedades humanas, nos lembrando que diferentes respostas para essas perguntas surgiram em todas as culturas ao longo da história da humanidade, a fim de buscar ou criar sentido e significado para a existência de todas as coisas. Quando tais respostas são organizadas e estruturadas de modo a gerar uma imagem do mundo ou uma determinada concepção do universo, constituem aquilo que chamamos de uma Cosmologia. As cosmologias criaram e re-criam concepções ou imagens do mundo, capazes de criar um sentido maior para a existência, promovendo uma conexão entre os componentes das sociedades humanas, gerando coesão ou harmonia social. Tais cartografias do universo são comumente estruturadas em narrativas. As narrativas cosmológicas acabam tendo o intuito de conferir segurança e ordem para a vida humana.

A narrativa mais conhecida pela sociedade ocidental é a narrativa bíblica, que ainda influencia a visão de mundo e o comportamento moral de grande parte da população mundial.

Mudanças nos rumos da história da humanidade vêm gerando mudanças nos modos de ver o mundo, fazendo surgir novas cosmologias. Pode também acontecer o oposto: o simples andamento da história pode fazer surgir uma nova cosmologia, que por sua vez, pode mudar o rumo da história.

Nossa cultura ocidental é fortemente marcada por três eixos interligados: o científico, o econômico e o político. Os eixos interligados trabalham para garantir a retroalimentação do sistema produtivo.

Em seus livros “o ponto de mutação” e “A teia da vida” o físico e pensador Fritjof Capra reconstrói a evolução das principais visões de mundo que constituem atualmente o paradigma vigente.

Na primeira metade do século XVI, o monge agostiniano alemão Martinho Lutero, com suas 95 teses, desmascarou a Igreja Católica, expondo a malícia do clero, que explorava a população psicológica e financeiramente, gerou um deslocamento existencial sobre uma grande massa que, até então, entendia o mundo como um local de pecados e tentações, sendo que após a morte cada um iria para o céu, inferno ou purgatório, conforme a bagagem de pecados x indulgências que carregava. Esse deslocamento existencial gerou uma forte crise espiritual na sociedade da época, difundindo a reforma luterana por toda a Europa e fazendo com que a ciência ganhasse força no aprimoramento dos métodos científicos e que a humanidade passasse a buscar segurança existencial no mundo material e, com mais empenho, as verdades que podiam provar.

Isso impulsionou, nos séculos XVI e XVII, a Revolução Científica, que transformou radicalmente a visão de mundo até então embasada na filosofia aristotélica e na teologia cristã, dando espaço para o desenvolvimento de um novo paradigma (e futuramente, da cosmologia moderna). Novas descobertas em física, astronomia e matemática, ligadas aos nomes de Copérnico, Galileu, Descartes, Bacon e Newton, faziam nascer o paradigma clássico: o mundo visto como uma máquina.

Galileu Galilei, excluindo as questões qualitativas, limitou o universo científico ao estudo dos fenômenos através da medição e da quantificação. Mais

de quatrocentos anos depois, a ciência moderna ainda está embasada no Programa de Galileu, obcecada por medições e quantificações. Além disso, é controlada por estruturas político-mercadológicas que tratam de mercantilizar tudo aquilo que encontram pela frente, limitando as perspectivas de continuidade da espécie humana em longo prazo e contribuindo e promovendo a extinção de um número imensurável de espécies. Como afirma de maneira dramática e realista o psiquiatra R.D. Laing:

“O programa de Galileu oferece-nos um mundo morto: extinguem-se a visão, o som, o sabor, o tato e o olfato, e junto com eles vão-se também as sensibilidades estética e ética, os valores, a qualidade, a alma, a consciência, o espírito. A experiência como tal é expulsa do domínio do discurso científico. É improvável que algo tenha mudado tanto o mundo nos últimos quatrocentos anos do que o audacioso programa de Galileu. Tivemos que destruir o mundo em teoria, antes que pudéssemos destruí-lo na prática.”

Warren Dean, em seu livro “A ferro e fogo” ao contar a história e a devastação da mata atlântica brasileira, mostra o efeito do paradigma vigente sobre esse riquíssimo complexo de ecossistemas:

“Será possível uma história da floresta? Talvez não. A história tradicionalmente trata de ambições, satisfações e frustrações humanas. Como pode haver um relato da “história” de outras espécies quando, devemos supor, suas ações careciam de qualquer outra intenção além de procriar e sobreviver? Seria mais cômodo afirmar que outras espécies nessa planície sombria não podem desempenhar qualquer papel no teatro da história humana salvo o de cenário, mesmo quando a peça é sobre a eliminação do cenário. A natureza, ainda quando a ambição humana se volta contra ela, continua a ser um objeto.”

Seguindo no percurso de geração do paradigma clássico, René Descartes foi o criador do pensamento analítico, que busca o entendimento do todo a partir

do conhecimento de suas partes. Em sua concepção da natureza, separou a mente e a matéria em domínios separados e independentes. Para Descartes o universo material, incluindo os organismos vivos, era uma máquina que poderia ser entendida a partir da análise de suas “peças” menores.

Coroando a ciência do século XVII, Isaac Newton com a mecânica newtoniana consagrou a visão do mundo como uma máquina governada por leis matemáticas exatas.

Na biologia, alguns fisiologistas tentaram aplicar o modelo mecanicista de Descartes para sistemas biológicos. Apesar de William Harvey ter obtido sucesso sobre o fenômeno da circulação sanguínea, outros fisiologistas, ao estudarem o sistema digestório, não conseguiram aplicar o modelo sobre os processos químicos e bioquímicos envolvidos. Somente no século seguinte, quando o “pai da química moderna” Antoine Lavoisier demonstrou que a respiração é uma forma especial de oxidação, surgiu algo que pudesse por em cheque a visão difundida pelo arcabouço conceitual difundido por Galileu, Descartes e Newton, e apesar de muitos abandonarem os modelos mecânicos, ainda sobreviveria a essência do pensamento cartesiano, havendo resquícios dela até mesmo nos dias de hoje, na visão de um universo biológico que pode ser reduzido às leis da física e da química. Particularmente no século XIX a biologia foi marcada pelo pensamento evolucionista, pelo aperfeiçoamento do microscópio e avanços na teoria celular, surgimento da embriologia moderna e ascensão da microbiologia, além das descobertas de leis da hereditariedade. Tais descobertas foram responsáveis por uma bifurcação no curso do paradigma em desenvolvimento, fazendo com que alguns cientistas reforçassem o pensamento mecânico, enquanto outros tentariam entender uma ordem maior envolvendo a organização das células e dos processos celulares (Vitalismo e Organicismo). Até mesmo antes dos vitalistas e organicistas (século XIX para o XX), nos séculos XVIII e XIX, no campo da arte, o Movimento Romântico, fortemente marcado por nomes como William Blake e Goethe, já reforçavam o lado organísmico da bifurcação na linha evolutiva do paradigma em desenvolvimento (surgia, portanto, uma linha de evolução de um

novo paradigma), com pensamentos e percepções que, hoje, estão na “linha de frente” do pensamento sistêmico.

Esse foi um breve resumo de como nasceu o paradigma vigente, denominado de paradigma clássico e uma leve pincelada sobre a germinação do novo paradigma, chamado de “Paradigma Ecológico” ou da complexidade, que será retomado e discutido mais adiante.

Considerações a respeito

Até aqui pudemos ver alguns fatores biológicos e ideológicos que podem ser uma chave para o entendimento dessa construção coletiva chamada cultura ocidental.

Vimos como nasceu e ganhou força um paradigma que impulsionou o desenvolvimento das sociedades ocidentais.

Não podemos negar que a partir desse paradigma surgiram muitos avanços científicos e tecnológicos que permitiram que a humanidade driblasse a seleção natural e se espalhasse ao redor de quase todo o mundo chegando a uma população com quase sete bilhões de indivíduos. Ao analisarmos tais avanços, poderíamos concluir que a espécie humana é um sucesso. Podemos nos comunicar em tempo real com alguém que esteja do outro lado do mundo. Encontramos na Internet quase todo tipo de informação digitando apenas palavras-chave em um site de busca. A expectativa de vida aumenta a cada nova geração. Poderíamos escrever um livro só com os avanços científicos e tecnológicos que enaltecem as capacidades humanas de manipulação do meio natural. Seria prudente, entretanto, adicionar um capítulo referente às consequências sócio-ambientais geradas pelos avanços proporcionados por um meio científico impregnado pela visão de mundo mecanicista.

Em nossa empreitada em busca de progresso infinito, a partir de 1990 temos extinguido espécies biológicas na média de uma espécie por dia! Entre 1850 e 1950 extinguíamos uma espécie por ano, ou seja, atualmente precisamos de pouco mais de três meses para extinguir o tanto de espécies que extinguíamos

em um século! Cada ano, terras férteis equivalentes em área a um estado do rio de janeiro ficam desérticas; mais de 40% das florestas tropicais já foram destruídas. Consideremos agora que 70% da humanidade vive no hemisfério sul, também chamado de sul pobre. Três bilhões de pessoas têm alimentação insuficiente, um bilhão vive em estado de pobreza absoluta, 60 milhões morrem de fome anualmente... Restaram cerca de três bilhões de pessoas acima da linha da fome e da pobreza, menos da metade dos representantes da espécie!

Podíamos pensar ironicamente que pelo menos “quase metade” da humanidade é um sucesso, mas se considerarmos que em ajuda aos países necessitados, a maioria dos países afluentes não colabora nem com 0,7% do seu PIB (percentuado pela ONU), sendo que o país mais rico do mundo (preciso dizer qual é?) destina apenas 0,15%, lembraríamos na hora que o quadro sócio-ambiental da desigualdade é a simples expressão do desenvolvimento capitalista e que, talvez, Os 3 bilhões de pessoas que integram o “sucesso” da espécie estejam justamente conduzindo a espécie ao fracasso.

Até agora temos navegado por pontos que considero chaves para o entendimento da realidade que pode ser experimentada coletivamente. Em resumo, vimos que ao reproduzir a espécie e investir no sucesso da prole, reproduzimos também os padrões culturais – que também estão em processo de evolução. Por trás desses padrões culturais que permeiam nossas vidas, há uma série de valores, crenças, condutas, etc, compartilhados pela sociedade (paradigma), que orientam um modo de vida, decisões e ações que têm culminado em uma crise ecológica que afeta todo o planeta Terra.

Agora já podemos chegar em um ponto da reflexão em que a solução passa a vir de dentro do próprio problema. O ideograma chinês para crise, traz ao mesmo tempo o significado de perigo e de oportunidade. A crise ecológica nos traz à consciência a noção de que fazemos parte de um sistema natural complexo e que, ao ameaçarmos esse sistema, estamos ameaçando a nós mesmos, como fala neste poema Ted Perry, inspirado por Chefe Seattle:

“Isso nós sabemos.
Todas as coisas são conectadas
como o sangue
que une uma família...
O que acontecer com a terra
Acontecerá com os filhos e filhas da terra.
O Homem não teceu a teia da vida
Ele é dela apenas um fio.
O que ele fizer para a teia
Estará fazendo a si mesmo.”
(Ted Perrey)

A preocupação ecológica começa a pipocar no mundo, embora de maneira ainda insuficiente e com políticas públicas ainda ineficazes. Temas como aquecimento global, educação ambiental, reciclagem, etc, têm surgido com cada vez mais frequência e têm sido trabalhados com cada vez mais habilidade por O.N.Gs e projetos de extensão universitária. Ecovilas que trabalham com a permacultura e a agroecologia têm surgido em diferentes pontos do planeta.

Por outro lado a questão ambiental também foi capturada pelo mercado e o “marketing ambiental” se esforça em transformar o grito de socorro da Terra em modismo banal. Termos como sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, consciência ecológica, eco-isso e eco-aquilo, além da própria palavra “ecologia”, são enfraquecidos pela mídia e não sensibilizam as massas.

O quadro se forma: a crise sócio-cultural atinge os sistemas naturais e de dentro da própria crise começam a surgir novas perspectivas de soluções. Porém, o assunto é banalizado pelo mercado, tratado sem objetividade pela mídia e não é encarado com a devida seriedade nem pelas massas, nem pelas grandes “lideranças” mundiais.

As lideranças mundiais estão ainda obcecadas por crescimento econômico a qualquer custo, em detrimento dos pobres e da natureza. O sistema econômico-produtivo continua exaurindo os sistemas naturais e o grande conselho ou pedido

feito pelos presidentes quando surgem sinais de crise econômica é: “Continuem comprando! Não parem de comprar!”.

Considerações sobre realidade

Muitas vezes, quando converso com as pessoas sobre a situação do mundo e nossa capacidade de transformá-lo, logo encontro com alguém que está pronto para disparar idéias pessimistas e me alertar de que “a realidade é essa” e que não vamos conseguir mudar as coisas. É compartilhada por um número muito grande de pessoas a idéia de que “o mundo está perdido” e não há nada que possamos fazer para mudá-lo. Costumo retrucar a essas pessoas em tom brincalhão: “Com todo o seu otimismo é provável que consigamos mudar alguma coisa!”.

Quando falamos da situação do mundo, estamos falando de uma situação comum a todos, de um mundo comum a todos e de uma realidade comum. Essas realidade comum, tema de discussão desse trabalho, é o ponto de encontro das realidades pessoais e subjetivas que, em interação, modificam o meio, criam culturas e relações.

É difícil falar sobre o que é realidade, distinguir ou classificar o real e o ilusório. A realidade é um tema alvo de muita relativização e subjetivação. Por exemplo, sinto que a realidade que experimentamos coletivamente nesse momento de crise sócio-cultural-ambiental é fruto de muitas ilusões humanas como a aspiração por satisfação espiritual a partir de coisas materiais transitórias, ou a aspiração por riqueza e poder, ou outras coisas que não levamos da Terra depois da morte. Em outras palavras, a crise globalizada é só uma manifestação física de uma crise subjetiva da humanidade: a crise de percepção da realidade!

A realidade, pelo senso comum, é aquilo que mostram os noticiários ao redor do mundo, geralmente focados na miséria humana, induzindo o telespectador a uma sensação de impotência e a uma identificação com o papel de “vítima de um mundo cruel”. Trata-se de uma relativização da realidade proposta intencionalmente pela mídia. A postura de vítima em relação ao mundo, e

por que não dizer, à própria vida, é adotada pela maioria das pessoas como um reconhecimento coletivo de que somos incapazes de fazer algo que possa mudar a realidade.

A crença na impotência é o primeiro limitador de perspectiva impregnado na sociedade contribuindo para que as mazelas que criamos se perpetuem ao longo do tempo, modificando o espaço de maneira destrutiva.

O monge tibetano Sogyal Rimpoche, em sua grande contribuição para a humanidade, “O livro tibetano do viver e do morrer” explica didaticamente que a palavra tibetana para meditação é “gom” e significa “familiarização”. Segundo o budismo tibetano, a mente possui diversos aspectos, mas fundamentalmente, dois: “Sem” e “Rigpa”. “Sem” é a mente tagarela, que julga, classifica e se identifica com as coisas (Ego). Rigpa é a mente cristalina, plena, unificada e religada com o cosmos. O praticante de meditação tem, basicamente, por objetivo familiarizar-se com Rigpa até atingir a iluminação ou presença plena.

Considerando o significado da palavra “meditação” e a força da cultura midiática sobre as mentes humanas, podemos chegar à conclusão de que temos meditado em violência, miséria e corrupção.

Talvez, se um extraterrestre fizesse um estágio de observação da espécie humana, teria a seguinte conclusão em seu relatório: “A espécie destrói o ambiente em que vive, eliminando as próprias perspectivas de sobrevivência. Trata-se de uma espécie autodestrutiva”.

A partir dessa observação, poderia sugerir que uma pesquisa futura investigasse o “porque” da autodestruição coletiva. O que é tão horrível e repugnante em existir, viver e conviver, que faz com que queiramos destruir as condições de sobrevivência da espécie, conseqüentemente, a nós mesmos? Do que estamos com medo? Por que somos tão hostis com o meio e uns com os outros?

Nesse processo, sinto que nosso potencial de transformação da realidade fica capturado por três perspectivas culturais que são tapetes vermelhos estendidos para o colapso da espécie humana. São forças invisíveis, estão no campo da subjetividade e a elucidação de suas existências e conseqüências para

toda a comunidade de vida, somada ao trabalho individual de encarar de forma diferente essas perspectivas, podem alterar o curso da história da humanidade e dos ecossistemas. Pode reorientar a política e a economia, bem como a produção científica. As três estão inter-relacionadas e não apresentam necessariamente uma ordem de importância.

Uma é a perspectiva ocidental sobre a morte em forma de negação do envelhecimento e da morte. A outra está ligada a primeira e se trata da relação que desenvolvemos com o tempo – passado, presente e futuro. A Última e mais destacada nesse trabalho é a perspectiva de separação ou superioridade dos seres humanos em relação à Natureza.

O Budismo tibetano traz muitas contribuições e auxílio para o entendimento dessas questões. O Dalai Lama resume muito bem essas perspectivas ocidentais em sua famosa frase:

“Gastamos nossa saúde para ganhar dinheiro, depois gastamos nosso dinheiro para recuperar nossa saúde. Vivemos como se nunca fossemos morrer e morremos como se nunca tivéssemos vivido”.

Sogyal Rimpoche discorre sobre o assunto sem eufemismos:

“Se observarmos nossa vida, veremos claramente quantas tarefas sem importância, as assim chamadas ‘responsabilidades’, se acumulam para preenchê-la. Um mestre chega a compará-las a ‘fazer faxina num sonho’. Dizemos que queremos empregar o tempo nas coisas importantes da vida, mas nunca temos esse tempo. Mesmo no simples levantar-se pela manhã há tanto o que fazer: abrir a janela, fazer a cama, tomar banho, escovar os dentes, alimentar o cachorro ou o gato, lavar a louça da véspera, descobrir que o açúcar ou o café acabou, sair para comprá-lo, fazer o café da manhã – a lista é interminável. Aí há a roupa para arrumar, escolher, passar e dobrar de novo. E que dizer do cabelo ou da maquiagem? Incorrigíveis, vemos nossos dias se encherem de telefonemas e projetos insignificantes, com tantas responsabilidades – ou devemos chamá-las de ‘irresponsabilidades’?”.

“Nossa vida parece viver-nos, possuir seu próprio ímpeto bizarro de arrastar-nos; no fim sentimos que não temos mais escolha ou controle sobre ela. É

claro que às vezes nos sentimos mal a esse respeito, temos pesadelos e acordamos à noite banhados de suor, perguntando a nós mesmos: ‘O que estou fazendo da minha vida?’ Mas nossos temores só duram até o café da manhã. Logo, pomos a pasta sob o braço e começamos tudo de novo”.

Fomos fisgados por um sistema que nos oferece felicidade a partir da melhoria das condições externas de vida, quando na verdade caímos em uma armadilha na qual ficamos presos ao tempo, sem controle sobre ele ou sobre nossa própria vida, resultando em frustrações e angústias que podem manifestar-se em nossos corpos e mentes na forma de doenças.

A perspectiva ocidental sobre a morte apresenta-se sob o aspecto da negação do envelhecimento e da possibilidade de um fim daquilo que acreditamos ser e possuir. Tal perspectiva não passa invisível aos olhos do mercado e, como tudo aquilo que representa lucro e movimentação da máquina financeira, o medo da morte e da velhice é estimulado e retro-alimentado pelas estruturas mercadológicas. Existe uma verdadeira indústria do prolongamento da juventude: cremes, cirurgias, academias, pílulas vitamínicas. Anualmente, bilhões de dólares são movimentados nas áreas de biologia molecular, biomédicas e farmácia para satisfazer a demanda de uma sociedade que não quer envelhecer.

É engraçado como tentamos criar uma noção de permanência em cima de coisas impermanentes, sejam elas pessoas, lugares, nossa casa, nossos bens ou nosso próprio corpo. A noção de impermanência das formas no mundo é um ponto central no budismo tibetano assim como a compreensão de que tudo surge de causas e condições e se desfaz conforme deixam de existir as causas e condições de sua existência. Essa sabedoria também está presente no provérbio popular “Na vida tudo é passageiro”. Essas noções podem ser de grande auxílio para a cultura ocidental, contribuindo para que as pessoas se desapeguem da ilusão de permanência e parem de lutar contra a impermanência, aceitando o envelhecimento e a morte. A difusão dessa perspectiva e sua colocação em prática poderia gerar uma forte diminuição nos índices de consumo e, conseqüentemente de degradação socioambiental.

Em mais esse trecho do livro tibetano do viver e do morrer o autor traz mais uma forte contribuição de melhoria de todo o contexto cultural que vivemos:

“O termo tibetano para corpo é “lŭ”, que significa “algo que você deixa para trás”, como bagagem. Cada vez que dizemos “lŭ”, isso nos lembra que somos apenas viajantes, temporariamente abrigados nesta vida e neste corpo. Assim, no Tibete as pessoas não se distraíam muito gastando o tempo que tinham em tentar tornar mais confortáveis as suas circunstâncias externas. Elas estavam satisfeitas se tivessem o bastante para comer, roupas sobre o corpo e um teto sobre suas cabeças. Continuar pensando obsessivamente em melhorar as próprias condições, como fazemos no ocidente, pode tornar-se um fim em si mesmo e uma distração sem sentido. (...)”

Em nossa perspectiva de apego ao tempo e negação da condição de impermanência, ao lutarmos contra o passar do tempo perdendo a conexão com o momento presente, além de termos nosso tempo todo preenchido e ocupado com coisas insignificantes, temos também a nossa mente distraída por coisas insignificantes. A mente “Sem” que jamais silencia, busca identificar-se com as coisas e criar uma noção de eu. Nos identificamos com nossas coisas, com nossos relacionamentos, com nossas atividades e de outros artifícios para construir algo que possamos chamar de eu. Tememos a morte, pois é justamente a construção do eu que fica em xeque. Nos identificamos com o passado e com nossas projeções de futuro perdendo o contato com o momento presente ao mesmo tempo em que o mercado nos faz acreditar que estamos vivendo o presente da maneira mais intensa possível através das distrações, entretenimentos, eventos e substâncias que nos oferece. Na verdade estamos mais dormindo nas armadilhas da mente do que vivendo o momento presente. Estamos mais lutando contra o momento presente e fugindo dele pelo entorpecimento, do que nos abrindo para conhecê-lo em essência.

Dalai Lama nos alerta sobre a importância do presente em outra célebre frase:

“Só existem dois dias na vida nos quais não podemos fazer nada. Um é ontem e o outro é amanhã”. Assim estamos capturados pelo sono do consumismo e pelo paradigma da competitividade, auto-afirmação e negação da impermanência. O único momento no qual poderíamos transformar a nossa cultura está capturado pela febre do consumismo e da necessidade de reconhecimento. Abrimos mão do nosso presente, o único momento em que temos autonomia e poder verdadeiros. Estamos acabando com o planeta e é como se não nos déssemos conta disso porque simplesmente não estamos aqui e agora. Não estamos presentes para ver o que estamos fazendo de nossas vidas e o destino que estamos dando para nossa caminhada pela existência. Nosso hoje foi comprado por falsas promessas de felicidade. Só hoje podemos tomar as rédeas de nossa mente e de nosso corpo. Há falta de liberdade, autonomia e diálogo em plena era da comunicação e da exaltação das liberdades individuais. As estruturas de poder e de subjetivação menos têm poder sobre nós do que temos, por escolha própria atribuído poder a elas de maneira mais ou menos consciente.

Acho difícil entender como temos aceitado viver como mortos-vivos sem praticamente reclamar sobre o assunto. Também, para quem vamos reclamar? A revolução agora é individual em forma de transformação pessoal. Vale enfrentar a morte e a vida com seriedade, sem medo.

O medo vem sendo difundido através mídia como uma política de subjetivação das massas; a meditação coletiva em cima do medo tem dificultado o processo de transformação. Tudo é uma questão de foco e de direcionamento das nossas potencialidades. Estamos muito focados no medo, na desigualdade, nas diversas crueldades humanas, e a consequência disso é o sentimento de impotência. As consequências do sentimento de impotência tendem ao abandono de toda a maravilhosa potencialidade humana do amor, da compaixão, cooperação e solidariedade.

Mas, ainda que uma pessoa caia na descrença, e perca a vontade de agir por um mundo melhor, como que para parar de gastar energia com algo que aparenta não dar resultado, esse alguém nunca se livra da sensação de impotência, que é mais um tipo de sofrimento. Seguimos nosso dia-a-dia fazendo

esforço para ignorar que o planeta não está saudável, as pessoas não estão felizes e os recursos estão acabando; que temos de pagar as contas, fazer uma prova, pegar trânsito, respirar o ar poluído, escutar a barulheira da rua e trabalhar com algo que não gostamos. Para fugir dessas questões da vida e do mundo, nos escondemos na convencionalidade e vamos ser e fazer tudo o que uma pessoa convencional faz, vamos ter tudo o que uma pessoa convencional tem, e caímos num modo de vida que, não só, nos causa sofrimento, por sempre estarmos incompletos e insatisfeitos, como perpetua o sofrimento do mundo, uma vez que nosso próprio modo de vida convencional é promotor de muitas das desgraças do mundo; é o grande criador das desigualdades, destruições, poluições e limitações de perspectiva. Ao vermos esse mundo, nos abatemos e nos jogamos novamente na convencionalidade ciclicamente.

Daí que acho impressionante que nós, nos acomodamos com o convencional mesmo sabendo que, no fundo, isso não nos satisfaz. Ao mesmo tempo, temos medo de mudar, medo do novo, do diferente e, como reflexo, dentro do sentimento de impotência, ha uma grande falta de esperança em relação a um mundo melhor. Isso é um falta de esperança em relação a si próprio; em relação a sermos, nós mesmos, pessoas melhores. Sim, porque nós é que “fazemos o mundo” e pessoas melhores fazem um mundo melhor.

Imagine se os publicitários e diretores de marketing que convencem as pessoas de que elas têm de comprar, comprar e comprar usassem seus talentos para difundir o Amor e a compaixão! Agora imagine se todos nós resolvêssemos fazer a mesma coisa!

Depois dessas páginas que se passaram, fica mais fácil explicar a maneira como entendo a realidade. Faço isso na expectativa de trazer alguma contribuição para o leitor em seu olhar para o mundo. Gostaria de começar com um texto que recito em apresentações musicais e resume bem a minha visão de mundo pessoal, intitulado de “Realidade comum”.

Realidade Comum

Foi imitando as folhas secas caídas no chão, que o sapo, camuflado, sobreviveu.

Foi imitando o “american way of life” que o mundo todo se perdeu.

Foi imitando a vida, que a arte apareceu!

A vida manifestada em milhares de cores, cheiros, texturas, formas, gostos e sons;

Criada por um artista tão sublime e incógnito, que muitos o chamam de Deus!

Fico me perguntando se, nós, quando fazemos arte ou qualquer outra coisa com amor;

Ou quando simplesmente amamos... Imitamos a Deus?

Ou exercemos nossa própria divindade?

Acredito que o mundo em que vivemos,

Essa experiência a qual chamo “realidade comum”,

É o resultado de uma média histórica, atual e constante,

Da somatória e da interação

Daquilo que a humanidade vem manifestando

Através de pensamentos, sentimentos, emoções,

E suas conseqüentes ou inconseqüentes ações!

Somos, portanto, co-escritores da história, co-criadores da realidade,

Escultores uns dos outros e autores de nós mesmos,

Sobre os quais temos total responsabilidade.

Se o mundo “aqui de fora” é mesmo o reflexo dos nossos mundos “aqui de dentro”

E aqui fora existe tanta fome, miséria, violência e corrupção,

É porque essas coisas existem, antes e, sobretudo, dentro de nós!

E eu fico me perguntando, por que temos manifestado

Uma realidade coletiva, em sua maioria, de tanto sofrimento,

De tanta pobreza e destruição

Enquanto temos tanto potencial para o amor e para a construção?”

O texto resume a noção de manifestações de paradigmas no contexto da crise sócioambiental, salientando que as causas das mazelas do mundo estão dentro de nós, e não fora. Em seguida ao texto, costumo cantar uma canção com a seguinte letra:

Saquinho de supermercado:

“Não foi ver o lixo jogado na rua que me entristeceu. Não foi só isso não!

Eu até fiquei sorrindo

Olhando um saquinho de supermercado

Rodopiando rodamosinhos no ar-

Bem assim, dançando mesmo!

O que me entristeceu foi ver que nós, seres humanos, não estamos vendo o tamanho da beleza que estamos destruindo dentro e fora de nós.

Dentro, conseqüentemente, fora.

Fora, conseqüentemente, dentro.

E é por isso que vemos tanto lixo sendo jogado nas ruas, nos rios, nos mares...

Mares de lixo sendo jogados nas cabeças

Dos jovens e crianças!

Então eu me cansei e pedi pra Deus, pros anjos, santos e arcanjos me ajudarem a convencer o coração humano a cuidar melhor do mundo.

Então eu vim pessoalmente com um violão

Com minhas próprias palavras e mãos.

Vim pedir diretamente aos Homens

Vim pedir encarecidamente aos Homens:

-Vamos cuidar melhor do mundo

-Vamos cuidar melhor do mundo.”

(Daniel Angi)

A música reforça a noção de que o mundo externo é apenas um reflexo da interação de nossos mundos internos. A saúde do ambiente é um indicador da saúde da comunidade humana. As coisas que vemos no mundo são uma oportunidade de ver com os próprios olhos as coisas que carregamos dentro de nós. Ou seja, como digo no texto e na música, somos agentes criadores da realidade, somos responsáveis pela sua co-criação. Somos responsáveis pelos problemas e pelas soluções, responsáveis pelo destino da caminhada humana na superfície do planeta Terra. Há um provérbio chinês que diz: “Se queres mudar o mundo, antes, dê três voltas em torno da sua própria casa”. Ou seja, mudar o mundo significa mudar a si mesmo. Ao escolhermos melhor nossos pensamentos, ao lidarmos melhor com nossas emoções, hábitos e relacionamentos, estaremos melhorando a qualidade da nossa parcela de autoria sobre esse fenômeno chamado realidade.

Em seu livro “O direito à ternura” o filósofo e psiquiatra Luis Carlos Restrepo trata do assunto da construção da realidade coletiva manifestada pelas macro relações políticas como um reflexo das micro relações políticas desenvolvidas na vida íntima, figuradas principalmente pelo núcleo familiar, na relação conjugal. Como marca mais intensa das forças subjetivas que povoam o lar na vida conjugal o autor ressalta a violência sem sangue, caracterizada pela supressão da singularidade do outro através de diferentes artimanhas, em sua maioria agressivas. Restrepo traz mais esse fator sobre o qual as relações humanas são desenvolvidas em micro e macro escala, sugerindo a ternura como esperança de medicalização de relações doentias.

Ainda estamos falando sobre a crise a qual co-criamos e com a qual convivemos. Reconhecendo que estamos diante de uma crise complexa é natural que se busque vasculhar vários aspectos, dos mais óbvios aos mais sutis, e que

tentemos definir quais são os problemas e quais são as soluções. Ao levarmos essa análise a fundo, estaremos construindo um novo paradigma.

Um novo paradigma já vem sendo delineado há algum tempo a fim de trazer novas orientações para as sociedades modernas, na esperança de reverter a crise.

Nas literaturas presentes sobre o assunto, encontramos os valores e pensamentos do paradigma vigente e do paradigma emergente pareados lado a lado, comparativamente. Abaixo colocarei esses valores e pensamentos pareados e separados por um x. À esquerda estarão os representantes do paradigma vigente e, à direita, os do paradigma emergente.

Pensamentos: Auto-afirmativo x integrativo; racional x intuitivo; análise x síntese; reducionista x holístico; linear x rizomático.

Valores: Auto-afirmativo x integrativo; expansão x conservação; competição x cooperação; quantidade x qualidade; dominação x parceria; dominação sobre a natureza x harmonia com a natureza;

Há uma infinidade deles. Poderíamos ainda acrescentar coisas mais sutis como Falar x escutar, por exemplo.

Durante meu percurso pela graduação em Ciências Biológicas, pude ver que o curso ainda não reconhece a importância de aderir com envolvimento e responsabilidade ao paradigma alternativo e emergente. Não há em toda a grade curricular sequer uma disciplina voltada para o desenvolvimento sustentável! A “força” da biologia em suas áreas de ensino e pesquisa são impulsionadas por demandas mercadológicas nas áreas de engenharia genética e biologia molecular. A permacultura e a agroecologia ainda não atingiram a grade curricular em Ciências Biológicas, muito menos estão em suas linhas de pesquisa. A biologia parece menos demonstrar compromisso e cuidados em relação à vida, do que adotar uma postura irresponsável e negligente frente à vida, o ambiente e a sociedade.

Leonardo Boff desenha bem os relevos da nova cosmologia e do novo paradigma no livro anteriormente citado. Ative-me neste trabalho a expor resumidamente a maneira como o teólogo trata da cosmologia moderna,

mostrando afetuosamente e com propriedade como a humanidade é parte da natureza – talvez o ponto central do paradigma emergente.

Da Natureza a Cultura: A cosmologia contemporânea como esperança de re- ligação com a natureza

“De que forma a lesma no caminho tem a ver com a galáxia mais distante?” (Boff, 2004)

Quando um corpo luminoso se distancia de um outro corpo qualquer, as ondas se tornam maiores e tendem para o vermelho.

As portas se abriram para a cosmologia ecológica quando o astrônomo norte-americano Edwin Powel Hubble demonstrou que o universo está em expansão. Em 1924, Hubble verificou um deslocamento para o vermelho no espectro luminoso das galáxias mais distantes. Isso significa que as galáxias mais distantes estão se afastando de nós na velocidade da luz.

Em 1927 o astrônomo e padre belga Georges Lemaitre, propôs a teoria do Big-Bang (grande explosão), que foi completada em 1980 por Alan Guth, um norte-americano com a teoria do universo inflacionário, propondo que a expansão começou algum dia a partir de um espaço muito reduzido, e continua até os dias de hoje.

Em 1965 Arno Penzias e Robert Wilson e em 1992 George Smoot registraram e comprovaram a presença de radiação cósmica de fundo vinda uniformemente de todas as partes do universo. O resíduo sonoro ou o eco residual da hipotética explosão primordial, ocorrida há 15 bilhões de anos (Boff, 2002).

Sob a ótica cosmológica, começa a surgir o esboço do nascimento do universo. Uma grande explosão em algum ponto conteria todas as forças e elementos capazes de se desenvolverem de maneira a formar galáxias inteiras, repletas de estrelas e planetas. Se tudo surgiu de uma explosão, que provoca uma força expansiva, qual o destino dos planetas e galáxias? Afastarem-se até o isolamento? Permanecerá um equilíbrio entre expansão e gravitação? Ou as

forças gravitacionais farão com que tudo retroceda em uma espécie de big-crunch? Os cientistas ainda não têm dados suficientes para deduzir ou prever tal destino.

No que diz respeito a outras tendências do desenrolar da existência do cosmos, o universo está em processos contínuos, dinâmicos de evolução, apresentando capacidade de auto-organização, sempre se transformando e adquirindo um grau de maior ordem que desordem, alcançando patamares cada vez maiores de complexidade.

Segue nos próximos dois parágrafos, de maneira extremamente resumida, a teoria do universo em expansão tem sua origem representada (em consenso entre os cosmólogos contemporâneos) da seguinte forma:

No tempo zero (limite de Plank, 10^{-43} segundo) as quatro interações básicas do universo (gravitacional, eletromagnética e as forças nucleares forte e fraca) constituíam uma única força indiferenciada, concentrada em uma esfera especialmente diminuta (10^{-33} centímetros ou trilhões de vezes menor que a cabeça de um alfinete!) sob a temperatura de 10^{-32} graus centígrados, representando uma densificação de energia muito difícil de se imaginar.

As partículas elementares ancestrais aos quarks (as menores partículas sub-atômicas), já formavam um clado que continham virtualmente as galáxias, os vulcões e oceanos, as bactérias, as plantas e animais e também a música, a economia, o abraço, os olhares, os desejos, a devastação, o amor e o cuidado.

Através de cálculos sofisticadíssimos Stephen Howking e Steven Weinberg tentam reconstruir a seqüência do tempo em bilionésimos de segundos, a partir do tempo zero (limite de Plank), um limite a partir do qual não se consegue retroceder, passando pela origem das partículas primordiais (quarks, elétrons, pósitrons, neutrinos, fótons e suas antipartículas), pela misteriosa aniquilação da antimatéria em luz, permanecendo apenas um bilionésimo da massa inicial, que são as partículas elementares (os seis tipos de quarks, os tijolos básicos com os quais se fizeram tudo o que existe), a estabilização das partículas e o início de suas permanentes re-ligações entre si, surgindo o Hidrogênio e o Hélio, os dois elementos mais simples e abundantes do universo, até, nos primeiros minutos

após a explosão, a formação das primeiras nuvens de Hidrogênio transpassadas por fortes radiações, que permaneceriam em resfriamento por cerca de dois a três bilhões de anos. Continuando pelo condensamento e reaquecimento dessas nuvens (cerca de 10 bilhões de anos atrás), com reações nucleares criadoras de novos elementos cada vez mais pesados, culminando em novas explosões e na formação das estrelas de segunda geração, como o Sol, e também na formação de planetas, como a Terra e outros do sistema solar.

Das explosões para as galáxias, dentre as galáxias a nossa via Láctea, inserido nela o nosso sistema solar e, no sistema solar a nossa casa comum: o planeta Terra. Também de maneira resumida e simplificada podemos relembrar o surgimento da vida em nosso planeta. Ao longo de cerca de 4,5 bilhões de anos, atravessando diferentes composições geoquímicas e atmosféricas, sob a influencia de fortes tempestades elétricas, chegando a um equilíbrio na composição e estrutura das formas inanimadas, estruturam-se cerca de 20 aminoácidos. São os tijolos básicos para a edificação da vida que, aglomerados formavam estruturas denominadas de coacervados os quais, sob influencia de tempestades elétricas deram origem a Áries, a primeira célula, o ancestral de todos os seres vivos. Estavam formadas a litosfera, a hidrosfera e a atmosfera em condições de equilíbrio suficientes para o surgimento da biosfera.

Dentro da biosfera, ao longo de bilhões de anos de evolução biológica, em um processo que resulta sempre em aumento de complexidade de organização celular, fisiológica, enfim, das formas de vida; surge a antroposfera ou a esfera humana e, dentro da esfera humana, surge a Noosfera, esfera do espírito ou da consciência.

É a partir da manifestação da Noosfera no meio físico que criamos a cultura e alteramos o meio. É urgente mergulharmos nessa esfera do espírito a fim de exercermos o papel de zeladores e zeladoras desse maravilhoso planeta azul, com a consciência de que, ao cuidarmos de nós, estamos cuidando do mundo e vice-versa.

Fazemos parte de Gaia – a Terra considerada, vista e amada como um superorganismo. Co-evoluímos com ela, surgimos dela, somos ela. Podemos

reverter para o positivo o pólo da nossa interferência. Basta escolher, como diz Boff, qual dimensão da nossa espécie queremos manifestar de agora em diante: continuaremos como *Homo demens*, caminhando para a autodestruição? Ou conseguiremos manifestar a dimensão sapiens, fazendo jus ao nome *Homo sapiens*, harmonizando ciência e espiritualidade como ferramentas que se completam, caminhando para uma possível comunhão com toda a comunidade de vida, demonstrando o devido respeito à natureza da qual somos filhos e filhas?

A arte como difusora do novo paradigma

Para finalizar, gostaria de ressaltar a arte como uma possível aliada no processo de consolidação / divulgação do novo paradigma; o paradigma da complexidade, da interdependência e da ética do cuidado com a vida.

Minha pretensão como biólogo era a de adquirir mais entendimento sobre a vida, a ecologia e os processos vitais, a fim de encontrar novos caminhos para cuidar de uma natureza cada vez mais degradada. Conforme o curso tomava andamento eu percebia cada vez mais que para proteger a natureza é preciso que o homem se livre da ignorância. As áreas de estudo da biologia que se voltam para o cuidado com a natureza, atuam em sua maioria na amenização dos sintomas da doença mental e coletiva da humanidade, agindo nos efeitos e não nas causas. Ainda que a biologia esteja comprada pelo mercado, acredito sim que o papel do biólogo é o de zelar pela vida e não de vendê-la. Assim, optei por ser natural e assumir um modo artista de ser biólogo, um modo artista de estar na vida.

Minhas pretensões como biólogo-artista ou artista-biólogo são as de comunicar aos corações humanos o grito de socorro da Terra.

Em sua maioria, as expressões artísticas que chegam às massas são aquelas manipuladas pela mídia, com interesses políticos de lucro e alienação das massas.

As expressões artísticas tem forte potencial intrínseco de comunicação no âmbito da antroposfera / noosfera. Esse potencial é capturado e enfraquecido pelo mercado.

Na época da ditadura, artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque e Geraldo Vandré, usaram seus talentos para se comunicar com todos os cúmplices daquele momento histórico. Fizeram época, marcaram seus nomes e conquistaram o objetivo de comunicar as dores, aflições e desejos de libertação compartilhados por todos os oprimidos.

Atualmente a maioria dos artistas parece não encontrar uma fonte de inspiração original e busca reproduzir aquilo que já foi feito. Afinal, ainda não apareceu uma personalidade marcante, como aquelas citadas acima, no âmbito da música popular brasileira.

Acredito que a crise socioambiental que vivemos é um paralelo em relação à ditadura. Os artistas contemporâneos podem encontrar na complexidade do momento que vivemos, uma oportunidade de usar seus talentos em benefício da vida, buscando simplesmente servir, ao invés de buscar status, riqueza e fama. Devemos oferecer visões, percepções e ações que contribuam com um mundo melhor para todos os seres vivos e para a qualidade de todos os fatores dos quais a vida depende.

A vida depende de ar, terra, água e luz, mas também depende de cuidado, amor, carinho e zelo. A ternura passa a ser um fator de sobrevivência tão importante quanto o ar ou a água e a sobrevivência da espécie depende da qualidade das nossas transformações interiores.

Isso deve ser captado e manifestado pelos artistas do mundo todo, de uma forma que a comunicação do novo paradigma não seja enfraquecida pelo mercado. Podemos fazer isso vivendo de uma maneira simples, dando o exemplo.

O momento atual é carregado de um enorme potencial para a união de todos através do sentimento de cumplicidade entre todos e com a vida.

Para me despedir, deixo um trecho de Leonardo Boff, seguido de uma bela citação de Arne Naess e algumas letras de música e textos utilizadas em meu trabalho artístico e algumas palavras sobre a conclusão do trabalho.

“O ser humano é um animal da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos hominídeos, do gênero *Homo* e da espécie *Homo sapiens/demens*,

dotado de um corpo com mais de 30 bilhões de células, procriado e controlado por um sistema genético que se formou ao largo de 4,5 bilhões de anos, cuja psique, com igual ancestralidade do corpo, é capaz de formar visões globais e análises detalhadas e constituir unidades indivisíveis a partir da vibração uníssona de cerca de 10 milhões dos 10 bilhões de neurônios do cérebro, o que lhe permite criar e recriar simbolicamente o universo e decifrar um sentido derradeiro e globalizador". "Cada um é portador consciente e inconsciente dessa riqueza da natureza e da cultura.(...)" Nesse último trecho, eu adaptaria: cada um é portador consciente e inconsciente dessa riqueza da natureza, e suas manifestações em interação têm criado e recriado culturas e gerado as transformações espaciais. Para concluir o parágrafo, Boff enfatiza que cada ser singular faz sua síntese da totalidade, optando por participar da existência comum de maneira equilibrada e unida, ou excluir-se do todo tragicamente contribuindo para o desequilíbrio".

Arne Naess

"O cuidado flui naturalmente se o "eu" é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos. ...Assim como não precisamos de nenhuma moralidade para nos fazer respirar... [da mesma forma] se o seu "eu" no sentido amplo dessa palavra, abraça um outro ser, você não precisa de advertências morais para demonstrar cuidado e afeição... você o faz por si mesmo, sem sentir nenhuma pressão moral para fazê-lo. ... Se a realidade é como é experimentada pelo eu ecológico, nosso comportamento, de maneira *natural* e bela, segue normas de estrita ética ambientalista."

Sou árvore também! (Daniel Angi)

Muitas doenças deixarão de existir

Se simplesmente escutarmos mais, com mais atenção,

O canto das águas e das aves,

E o barulho do vento nas folhas das árvores.
Foi uma delas que me contou...
“Quando uma árvore morre pelas mãos do Homem,
Seu espírito vai pro Sol
Iluminar as irmãs que ficaram na Terra.”
É por isso que os dias estão ficando a cada dia mais quentes!
Os Homens quiseram ser maiores que as árvores...
Por que não quereriam ser maiores uns que os outros?
Serão maiores que o deserto que espalham?
Eu, particularmente, me sinto muito maior...
Sabendo que sou árvore também!

Meio-Ambiente (Daniel Angi)

Pense em um ente muito querido
E sinta-o dentro e fora de você...

Nosso corpo é constituído de moléculas provenientes do meio
Quando você se alimenta,
Transforma o meio, em si.
E transforma o meio em si.
Pode-se dizer que você é o meio transformado
e o meio transformador.
Você é, ao mesmo tempo,
Meio-indivíduo
E Meio-Ambiente.

Pontinho Azul (Daniel Angi)

Quem diria que um pontinho azul
Girando em silêncio no espaço
Guardaria na mesma gaveta
Tanta beleza e tanta destruição

Quem diria que um pontinho azul
Criado em segredo no espaço
Correria o risco de um dia
Morrer pelas mesmas mãos de quem pode dar amor

Eu imagino a cara do meu filho
Quando eu contar pra ele
Que existe sapo, que existe estrela
Que eu ficaria muito bravo, ficaria mesmo triste...

Se acabasse o meu pontinho azul
Dançando, rodando no espaço
Não veríamos mais cachoeira
Nem sapo, nem estrela, nem som de violão

Eu imagino a cara do meu filho
Quando eu contar pra ele que existe guerra
Que existe bomba atômica
Que seria muito chato e eu ficaria bem zangado...

Se secasse essa gotinha azul
Boiando no negro do espaço
Não veria mais vida das matas, nem o imenso do mar
Imenso amor no olhar de minha mãe

E eu imagino o que fará meu filho
Quando eu mostrar pra ele que existe solução
Que o mundo está em nossas mãos
E que será mesmo um barato, que será muito bonito...

Se cuidarmos do Planeta Azul
Com um Amor do tamanho do espaço
Não teremos mais flora sem terra
Nem fauna sem teto
E nem desnutrição.

E quando o mundo assustar meu filho
Eu vou contar pra ele
Que isso é muito natural
Vez em quando eu também me sinto mal
Mas eu durmo sossegado
E acordo bem tranqüilo
Porque moro num pontinho azul
Perdido no meio do espaço.

Na Pele Branca (Daniel Angi)

Eu sou o índio que nasceu na pele branca
Prá falar pro povo branco o que o índio falaria,
E que na voz do índio, branco não escutaria.
Somos todos iguais, só mudam os ideais.
Enquanto um quis viver bem com a natureza,
O outro quis riqueza mesmo tendo que matar.
Enquanto um sabia bem como viver,
O outro quis poder mesmo tendo que matar.
E chega de sacanear, chega de nos enganar,

O branco derrubou nossas florestas, cobriu com asfalto
E aos rios cobriu com merda.
A "justiça" brasileira cadê? Que além de devagar,
É cega e não quer ver.
(como que uma raça tão cruel, pode se julgar superior?)
Eu sou o preto que nasceu na pele branca
Pra falar pro povo branco o que o pretoalaria
E que na voz do preto, branco não escutaria.
Nós somos só animais, não temos nada de mais
A não ser uma grande inteligência
Na maioria usada com muita negligência
Inteligência muito mal usada,
Em prol da minoria privilegiada.
E se eu te perguntasse a diferença
Entre o branco e os outros povos
O que você responderia?
Que um é de inteligência curiosa e o outro exercita a sabedoria,
Enquanto um tira a comida da sua roça,
O outro quer conforto e tecnologia.
Eu sou a criança que esperou ficar adulta
Pra falar para um adulto o que a criançaalaria
E que na voz de uma criança, adulto não escutaria
O importante é brincar e sonhar e amar sem se preocupar
A vida nos faz crescer e quem sabe esquecer de um grande prazer
Que é aquele de ser uma criança, brincar e dançar
Quando o universo canta.
Nunca deixe o seu sonho morrer,
Os homens se tornam o que sonham ser,
Se você sonha ser um grande ser
A vida pode ser muito boa pra você.
Eu sou o bicho que nasceu na pele humana

Pra falar pro povo humano o que o bichoalaria
E que na voz do bicho, humano não escutaria.
Eu sou a planta que nasceu na pele humana
Pra falar pro povo humano o que uma plantaalaria
E que na voz da planta, humano não escutaria.

Semente Boa (Daniel Angi)

Eu vim de longe trazer o bem.
Vim falar da natureza que o homem se esqueceu.
E ainda mata de fome o Planeta, a barriga de onde nasceu.

Eu vim plantar a semente boa,
Plantar amor pra colher amor
E mudar o mundo.

Mudar o mundo é mudar o que?
Mudar o mundo é mudar você!

Uma gota d'água no rio grande
É mais do que eu sou nesse mundo de dandá.
Nem mil gotas das minhas lágrimas
Apagaram o fogo nas florestas que eu vi queimar.

Globalização (bobalização)- (Daniel Angi)

Satélite, internet, telefone, fibra ótica
Ambev, Philco, Ford, Telefonica, Fotótica
Muçulmano, Hindú, Cristão, Ateu, Budista e Tribo Gótica
No oriente Médio essa situação caótica...

E o mundo vai se globalizando,
Nesse oceano todo o mundo é peixe.
Navegar na internet é muito legal
É o programa do índio da aldeia global.
E aquele que vai navegando,
Exatamente é o que caiu na rede,
Com tanta água, rios e oceanos
O ser humano globaliza a sede.

Poluição, barulho, guerra, miséria, fome e violência
Corrupção policial, favela, droga e dependência
Publicidade, a moda, eu mudo, a mídia: falta de decência
Imperialismo cultural, sociedade de aparências.

E o mundo vai se desorientando,
O coração perdendo pra cabeça.
Colocar em primeiro plano o individual
é um problema do índio da aldeia global
E a gente vai se resignando
É, desse jeito a gente cai na rede
Com tanta água rios e oceanos,
O ser humano globaliza a sede.

Samba de uma gota só (Daniel Angi)

Tá se sentindo só irmãozinho?
tá sentindo assim, bem pior que viúva?
então pare pra reparar na próxima chuva...

Uma gota só, é só um pinguinho
Que sozinho não molha o chão
Mal se ouve o barulho ao fim
Do solitário mergulho, enfim...

Mas o maravilhoso...
O esplendoroso...
O magnífico...
O inigualável...
O relaxante...
O anticonstitucionalíssimo SOM da união
De mais de um milhão de milhões de gotinhas,
Uma a uma, milhões de notinhas a encharcar o chão
Dissolva sua solidão e dilua-se nesse refrão:

Não existe chuva de uma gota só
Não existe chuva de uma gota sozinha

Cada um de nós é uma gota só
Cada um é um pinguinho
De existência tão breve...
Quem sabe, viver de fato
Seja se desprender de fato
Do medo e também da moeda
e assim como a gota
Se soltar da nuvem

e aproveitar a queda!

Não existe chuva de uma gota só,
Não existe chuva de uma gota sozinha.

Na Internet (Daniel Angi)

Na internet é tão simples conhecer alguém
Os sites e o vício não deixam escapar ninguém
Ela é do paraguai, ele tem 23
Ela tem peitão e ele é francês
E nós, nos conhecemos num bate-papo
E no bate-papo foi a última vez que lhe vi

Você mudou de web site quando eu fui fazer xixi.

Castelos de Areia (Daniel Angi)

Fui no alto das pedras para procurar
Uma vista melhor para ver praia inteira
Ah! Castelos de areia!

Deixa ela brincar lá na beira da areia lá do mar
Deixa ela brincar lá na areia da beira lá do mar
Ah! O castelo é de areia!

Amor e Perdão (Daniel Angi)

Lavai, águas do mar, meu coração. Molhai meus pés.
Natural sentir saudades, porque nada eterno é.
Chorar: esse meu rosto, com lágrimas, eu mesmo molho.
Amai, antes que o tempo permita a terra comer teus olhos.
Perdoai, antes que o tempo permita a terra comer teus olhos.

Leve (Daniel Angi)

Se você quer ser bonito
Um ser amável, saudável.
Basta ter, queira ter
Tenha, mantenha
No pensamento
O pensamento leve, leve, leve.
Leve no peito
Leve na cabeça
Leve no toque, nas mãos
Leve nas palavras
Leve no olhar, amor.

Que você vai ver cada vez mais
A sua vida ficando boa, boa, boa.
Vai viver agradecendo uma vida tão boa.

Se você quer um mundo mais bonito
Mais viável, morável,
Basta fazer como dizia Gandhi,
“Seja você mesmo as mudanças que quer ver no mundo”
Seja você mesmo!
E “seja você mesmo as mudanças que você quer ver no mundo!”

Esperança (Daniel Angi)

Vou contar uma estória de um menino
Um menino pequeno que vivia sempre a sonhar.
Alegre sempre sorria, brincava pra lá e pra cá
Corria e quando parava dizia:
- um dia eu serei ator, ou jogador de futebol. Eu quero ser astronauta e pisar na
lua cheia. Eu quero morar na mata e namorar uma sereia!
Mas o tempo passou e o menino não é mais pequeno.
Aquele menino cresceu!
E pagando o preço da pressa
Dessa vida que ao Homem estressa
Lembrou do menino que fora e indagou

-Cadê aquele menino, aquele menino, cadê?

E o vento soprou mais forte, como um pai querendo dizer
Que um homem só fica velho quando deixa a esperança morrer
Meu filho não fique velho e lembre que aquele menino é você!

Infinitos (Daniel Angi)

Venho declarar que não tenho mais inimigos!
Somos todos, todos, todos bons amigos!
Venho declarar meu amor por vocês meus amigos.
Somos todos de uma mesma grande tribo!

Venho implorar pelo amor de vocês, meus amigos!
Falo em nome da água, em nome da água...
Somos feitos de água!

Falo em nome das matas, do povo das matas;
De todas as matas...

Deixo todo tipo de guerra pra trás
Olho tudo que existe
E declaro paz!

E o amor é a melhor companhia
Pra se viver o dia-a-dia.

Venho desejar muita paz e amor aos aflitos
Lembrem: somos todos seres infinitos!

Algumas palavras sobre a conclusão do trabalho:

Sinto que não há como falar sobre esse trabalho conclusivamente. Uma vez que esse trata de processos que estão se desenvolvendo nesse exato momento, processos dos quais fazemos parte, prefiro deixar o trabalho inacabado.

Não inacabado no sentido de precariedade, de escassez de conteúdo. Inacabado no sentido de que as coisas têm continuidade e não necessariamente começo, meio e fim.

Não acho que o leitor deve extrair conclusões desse trabalho, mas sim observar as coisas que aqui foram ditas, muito além das linhas aqui escritas, em seu dia-a-dia, observando seus pensamentos, suas emoções e suas relações com o mundo.

De toda forma, deixo algumas considerações finais nos parágrafos abaixo:

Vimos, consciência e corpo, de dentro do Cosmos. Somos filhos e filhas da Terra, netos das estrelas, cidadãos galácticos. O que fazemos para a Terra fazemos para nós mesmos.

É hora de escolher a qual dimensão humana daremos continuidade, a sapiens ou a demens. A morte chegará invariavelmente sobre todos, não há razão para antecipá-la, fugindo do presente. Tudo o que temos é o tempo presente, o único momento no qual podemos viver. A beleza de nossa jornada pela vida depende de como aproveitamos cada momento.

Cada um de nós é co-autor e ator dessa peça chamada cultura. De que forma escreveremos o próximo ato? E de que forma atuaremos?

Espero que esse trabalho tenha tido ressonância em seu coração.

Grato pela leitura,

Daniel Angi.

Referências Bibliográficas:

BOFF, L. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 9.ed. São Paulo: Pensamento-cultrix, 2004. 256 p.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2009. 447 p.

DALAI-LAMA. **Uma ética para o novo milênio: sabedoria milenar para o mundo de hoje**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. Coleção auto-estima, 174 p.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 1996. 488p.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007. 402 p.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. 1.ed. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2001. 203 p.

PARINA, S. **O que acontece quando morremos**: um estudo sobre a vida após a morte. 1.ed. São Paulo: Larousse, 2008. 246 p.

RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 110 p.

RINPOCHE, S. **O livro tibetano do viver e do morrer**. São Paulo: Talento: Palas Athena, 1999. 536 p.

SHELDRAKE, R. **Sete experimentos que podem mudar o mundo**: pode a ciência explicar o inexplicável? 2.ed. São Paulo: Pensamento-cultrix, 2001. 206 p.